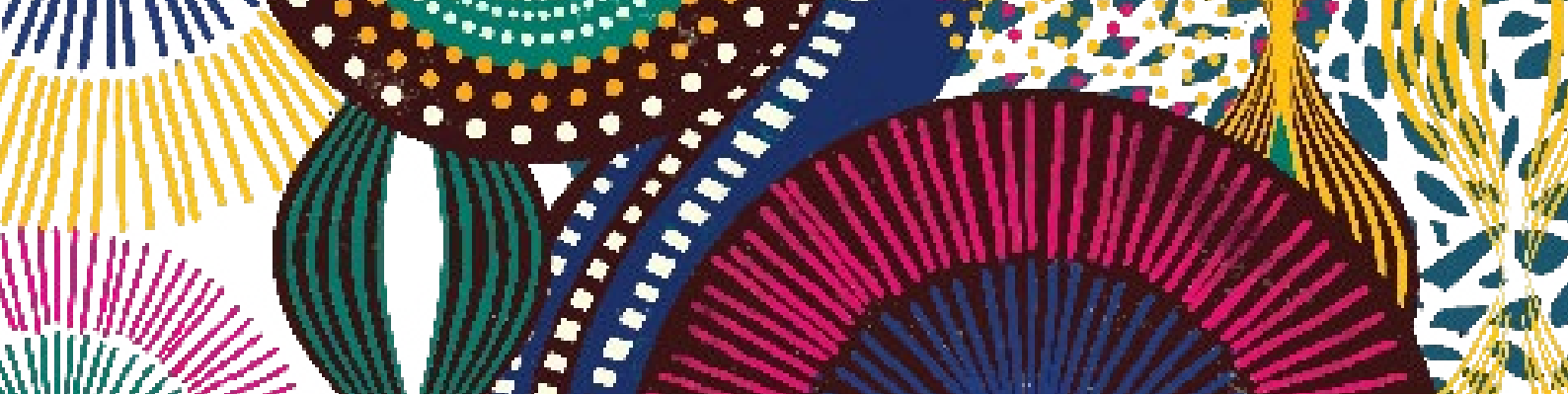


**Criando imagens e realizando  
futuros resilientes ao clima:  
o poder das Artes, da Cultura  
e do Patrimônio para acelerar  
a ação climática**

**O Manifesto do Patrimônio Climático para  
a COP27**



As alterações climáticas têm impactado profundamente as pessoas e o planeta. Estamos testemunhando efeitos duradouros e irreversíveis. Evitar os piores deles requer limitar o aumento da temperatura global a 1,5 graus acima dos níveis pré-industriais. No entanto, o mundo não está conseguindo atingir nem mesmo a meta de temperatura de 2 graus do Acordo de Paris, agora com as atuais concentrações de gases do efeito estufa (GEE) agora as mais altas já registradas. Esse impacto já é perceptível por todos nós.

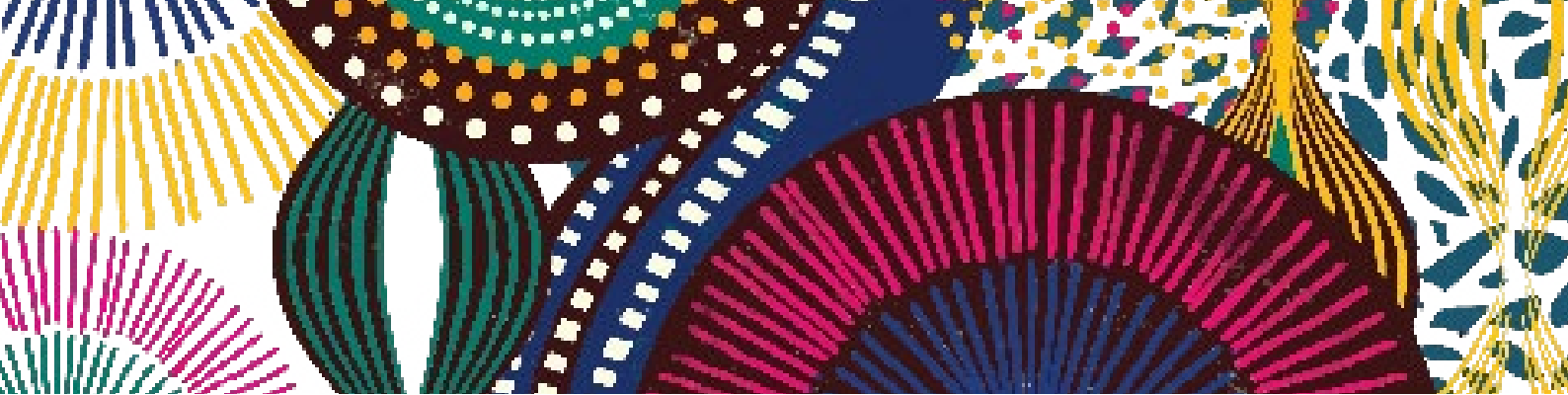
Hoje, é cada vez mais óbvio que a existência de humanos na Terra está profundamente em risco pelas mudanças climáticas causadas pelo homem e pela inação climática que aprofunda, ano após ano, a crise climática. Os cientistas descobriram que 9 dos 15 pontos de inflexão conhecidos da Terra que regulam o estado do planeta foram ativados, e agora há respaldo científico para declarar um estado de emergência planetária (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, 2021, 2022).

O secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, chamou o status quo de “prova condenatória de liderança climática fracassada”. Uma crítica crescente ao planejamento e à política climática atribui esse fracasso, em parte, à escassez de imaginários sociais capazes de conceber futuros de baixo carbono plausíveis, justos e resilientes ao clima; a um ecossistema de política climática que valida abordagens tecnocráticas enquanto marginaliza estratégias alternativas; e à necessidade de incluir melhor as diversas vozes e perspectivas na governança climática. Acreditamos que a cultura, das artes ao patrimônio, com seu poder de ajudar as pessoas a imaginar e realizar futuros de baixo carbono, justos e resilientes ao clima, é uma força que falta para resolver essas deficiências.

## **Por que cultura e patrimônio?**

A cultura ancora as pessoas a lugares e umas às outras. Cria coesão de formas únicas: permitindo a construção da comunidade e a ação coletiva, proporcionando momentos, sentimentos e compromissos compartilhados, inventando novos símbolos e novas ferramentas. Artistas e vozes culturais impulsionam a conscientização e a ação do público. Este trabalho é uma ferramenta poderosa para a mobilização climática. Por meio da acessibilidade pública e confiança, centros culturais, instituições e organizações como museus, locais de música, teatros, monumentos, bibliotecas ou festivais fornecem plataformas para ouvir comunidades e centros de intercâmbio multicultural e intergeracional, capacitação e compartilhamento de conhecimento.





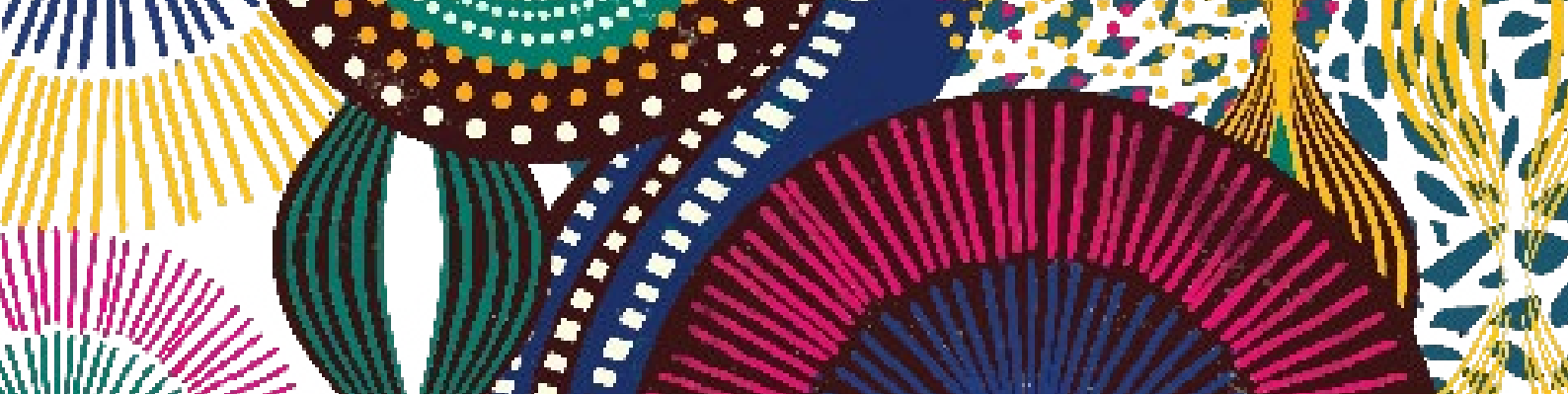
O conhecimento tradicional e os edifícios e paisagens patrimoniais que antecedem (ou funcionam independentemente) da era do combustível fóssil apontam o caminho para a vida pós-carbono. As cosmovisões e valores mantidos pelos Povos Indígenas e comunidades locais, nunca cooptados pelas abordagens modernas de tirar-fazer-descartar, oferecem contrapontos a paradigmas insustentáveis de “progresso”. Ferramentas artísticas, criativas e imaginativas têm potencial transformador ao desafiar os valores que condicionam as escolhas de vida, incluindo modelos econômicos e de consumo, e ao apoiar a reinterpretação transformadora das paisagens de carbono de hoje e suas mentalidades que as acompanham.

Central para essa abordagem é o imperativo de abordar tanto os elementos da cultura que podem ajudar a resolver a crise climática quanto aqueles que ajudaram a causá-la. Muitas tradições, práticas culturais e modos de vida – especialmente em lugares industrializados – estão profundamente entrelaçados aos combustíveis fósseis e aos sistemas extrativistas e coloniais que os atendem. Esses elementos culturais às vezes são denominados como “petroculturas”, e as extensas paisagens urbanas, suburbanas e periurbanas que eles geraram são “paisagens de carbono”. A herança do Antropoceno. Assim como as forças culturais ajudam a forjar essa herança “cúmplice”, as abordagens baseadas na cultura devem agora ser mobilizadas para identificá-la, interpretá-la e desafiá-la.

A crise climática exige uma integração mais ambiciosa de valores embutidos na natureza e na cultura. Precisamos mudar as mentalidades e os paradigmas que separam humanos e natureza. As políticas e programas nacionais precisam promover estilos de vida em harmonia com a natureza, e isso é impossível sem o pleno envolvimento de todos os atores culturais. O patrimônio cultural guarda as histórias dos povos e o conhecimento das comunidades locais (o que o Acordo de Paris chama de “tecnologias endógenas”). O registro arqueológico ilustra as causas e a adaptação às mudanças passadas. A história mostra que o homem já demonstrou capacidade de adaptação no passado. Somos capazes de vencer a batalha agora com mudanças sociais, culturais e econômicas rápidas e de longo alcance. Essas mudanças só são possíveis quando a sociedade trabalha em conjunto, assim o deseja.

## **Nossa mobilização total**

Representamos instituições e organizações comprometidas com a mudança de mentalidades e paradigmas obsoletos - liberando o potencial das artes, cultura e



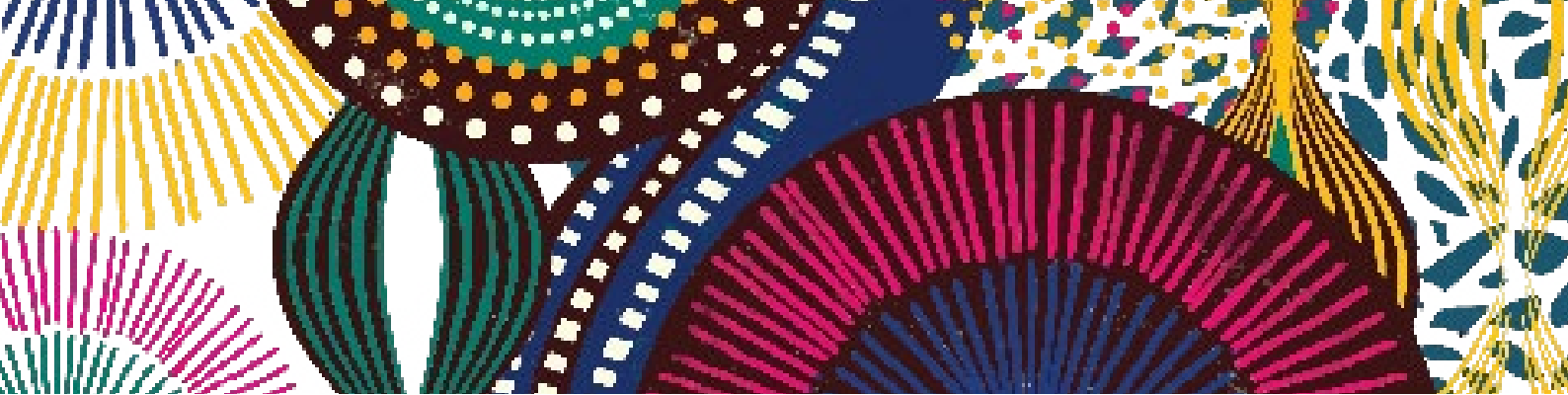
patrimônio para alcançar plenamente as ambições do Acordo de Paris. Reconhecemos que isso também deve incluir a transformação no setor cultural, adotando práticas e modos de gerir sustentáveis; levantando as vozes de comunidades carentes e mobilizando a solidariedade com as comunidades da linha de frente. Devemos preservar, registrar e disponibilizar cultura e patrimônio de maneira inclusiva, inclusive por meio de formas artísticas tradicionais e inovadoras, bem como de novas tecnologias.

O trabalho dos atores culturais ainda é subutilizado, subdesenvolvido. Temos que estar totalmente mobilizados para a ação climática. Somos artistas, antropólogos, arqueólogos, arquitetos, paisagistas, administradores, arquivistas, artesãos, conservadores, curadores, engenheiros, geógrafos, historiadores, bibliotecários, músicos, museólogos, escritores, performers, urbanistas e gestores de sítios, bem como cientistas, pesquisadores, professores e estudiosos e portadores de conhecimento indígena. Nossas percepções únicas estão prontos para serem aplicados às mudanças climáticas ou contabilizados na ciência do clima ou na ciência da resiliência, embora, é claro, existem muitos exemplos excelentes e pioneiros; como, por exemplo, os estudos de caso do [relatório CGLU – CHN](#) “O papel da cultura no desenvolvimento resiliente ao clima”, 2021.

Essa mudança de paradigma e mentalidade também exige que as dimensões culturais da ação climática sejam priorizadas na ciência, política, planejamento e estruturas fiscais para mitigação e adaptação climática, redução de risco de desastres e planejamento de perdas e danos. A popularização das considerações culturais deve ser feita em todas as escalas (local, regional, nacional e internacional) e em todos os setores, da energia aos edifícios, da mobilidade à agricultura.

Reconhecemos a profunda conexão entre direitos culturais, sobrevivência cultural, justiça climática e ação climática. Também consideramos este Manifesto como uma contribuição para abordagens centradas no ser humano e baseadas em direitos que colocam a cultura como uma dimensão explícita e operacional do desenvolvimento e fornece aos atores culturais (sociedade civil e governos) um assento à mesa necessário para que isso aconteça.

A ciência da resiliência descreve as características dos sistemas resilientes, incluindo as capacidades de transformar, persistir e se adaptar. A campanha Race to Resilience Culture, lançada pela Climate Heritage Network, resume as principais maneiras pelas quais as estratégias baseadas na cultura apoiam a ação climática:

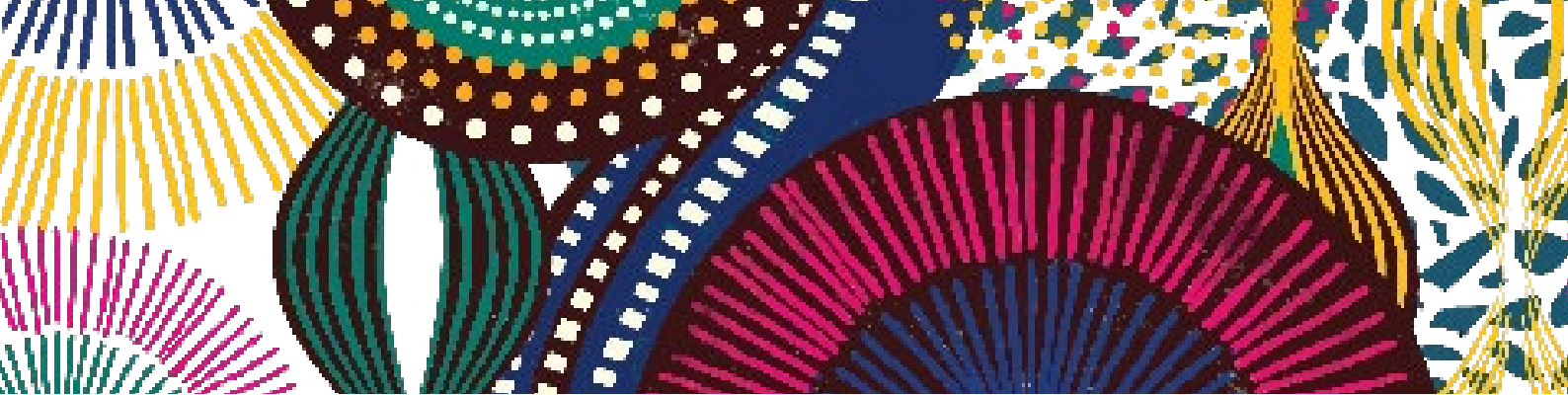


- A cultura e o patrimônio sustentam uma multiplicidade de redes sociais, ajudando a construir as identidades de pessoas e de comunidades de forma a fortalecer o tecido social e o vínculo com os lugares, bem como a reduzir a precariedade.
- Os sistemas resilientes são caracterizados pela diversidade, que inclui a diversidade de sistemas e tecnologias de conhecimento (por exemplo, conhecimento local, tradicional e indígena); meios de subsistência; línguas; e cosmovisões, espiritualidades e valores.
- A cultura fornece a capacidade de intercâmbio intercultural, que promove a interconexão, mas também incorpora capacidades endógenas que promovem a autossuficiência local, como o uso de materiais e saber-fazer locais (ou seja, “modularidade”).
- Equidade e justiça cruzam-se com resiliência, incluindo quão amplamente as capacidades são distribuídas dentro de uma sociedade. Com base em uma abordagem de direitos culturais para o desenvolvimento, a cultura pode abordar as dimensões sociais da marginalização e exclusão, incluindo a governança climática.
- A aprendizagem adaptativa e a capacidade de navegar pela diversidade são alimentadas pela criatividade e inspiração na adaptação e inovação.

## **Hora de agir**

É hora de agir. Devemos fechar as lacunas de emissões e de ambição. Para alcançar um mundo de 1,5°C, mais atenção deve ser dada às dimensões culturais dos estilos de vida e meios de subsistência, à compreensão pública dos impactos climáticos, à aceitação social das mudanças nos sistemas, às abordagens diversificadas e sensíveis ao gênero, e às fontes de ambição climática. Em suma, devemos transcender as divisões entre cultura e ciência, pessoas e políticas, memória e prática em evolução.

Necessitamos que nações e cidades coloquem a cultura no centro da ação climática. Nós fornecemos os espaços e os eventos onde a transmissão, discussão e atuação sobre essa crise social podem ocorrer. Somos qualificados de forma única para fazê-lo devido à combinação singular de consciência histórica, senso de lugar, gestão de longo prazo, base de conhecimento, acessibilidade pública e confiança pública sem precedentes. Nenhuma outra instituição está melhor posicionada do que as culturais para exercer visões mais amplas de tempo e despertar novos compromissos.



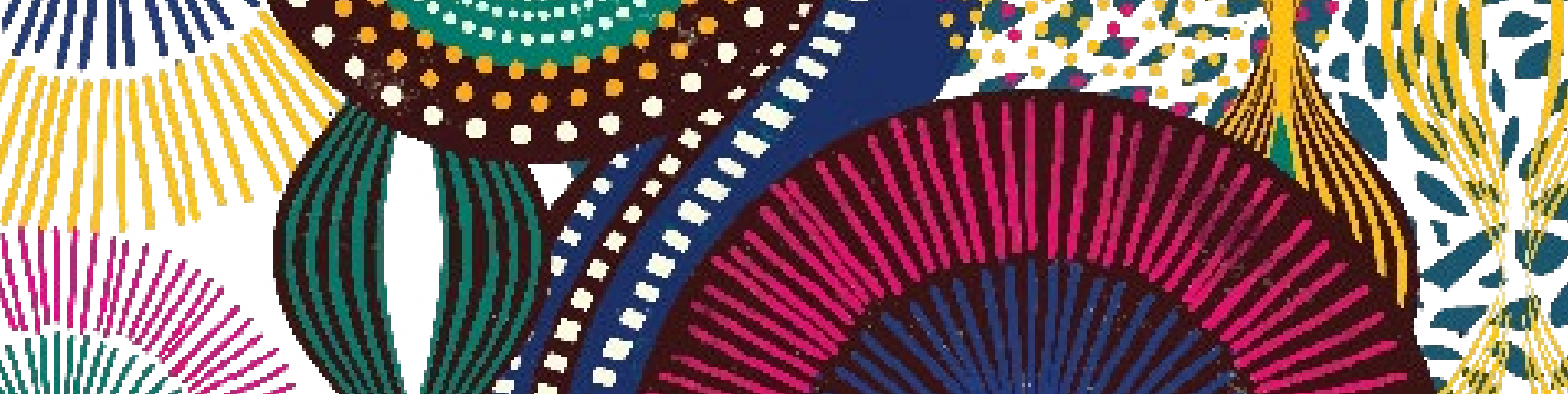
Concretamente, devemos acelerar a ação climática baseada em direitos, no local, na demanda e centrada nas pessoas. Devemos salvaguardar e defender os elementos de arte, cultura e patrimônio que apontam o caminho para formas de vida circulares e regenerativas que não dependem da exploração de pessoas e da natureza, e devemos desafiar e interpretar esses outros elementos que ajudaram a causar a emergência climática. Liderados por atores e operadores culturais, devemos fortalecer as estruturas pelas quais todos podemos atuar como cúmplices dos Povos Indígenas e comunidades locais e construir uma causa comum com interesses interseccionais, como igualdade racial e de gênero, vinculando a cultura à justiça climática de maneira a fortalecer a ação climática e o desenvolvimento sustentável responsivo ao clima.

A COP27 deve ser um ponto de virada para a ação em vários níveis para realizar o potencial da cultura para combater efetivamente a crise climática. É nossa responsabilidade compartilhada garantir a herança cultural e os direitos culturais das gerações atuais e futuras; salvaguardar um planeta saudável, próspero e resiliente; e alcançar as reduções de emissões das quais esses resultados dependem. Para reforçar um sistema de planejamento climático que luta para manter o 1.5 vivo e proporcionar uma adaptação transformadora, devemos desbloquear urgentemente o poder da cultura das artes ao patrimônio para ajudar as pessoas a imaginar e realizar futuros de baixo carbono, justos e resilientes ao clima. Em todo este trabalho, conte conosco! Conte com a cultura!

## Quem nós somos?

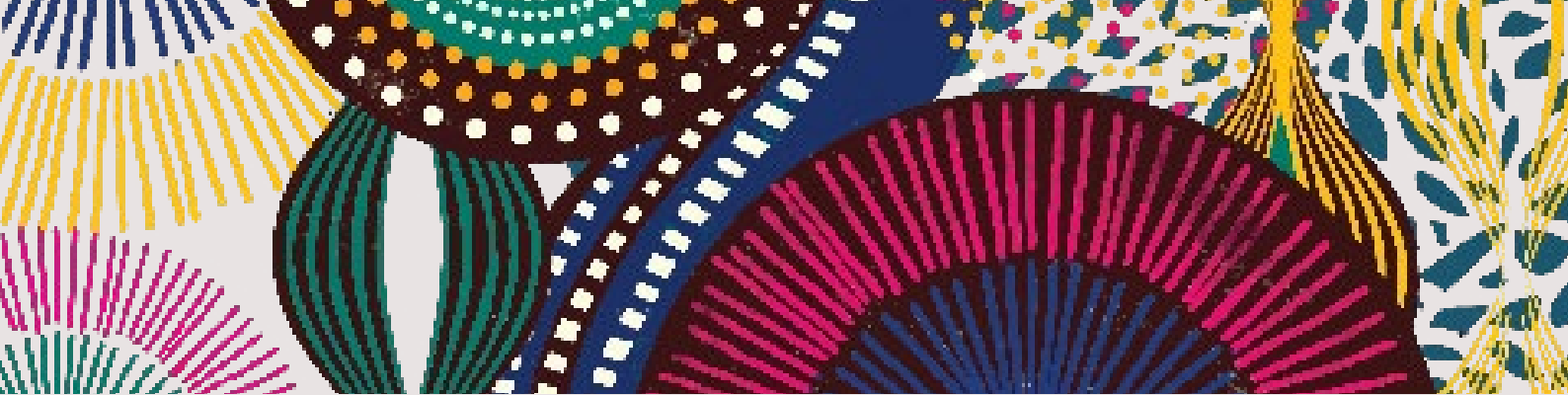
Este documento foi preparado pela [Climate Heritage Network](#), a principal aliança mundial de organizações de artes, cultura e patrimônio para a ação climática, unindo uma coalizão global de mais de 200 redes internacionais, nacionais e subnacionais, governos e organizações culturais.

Este Manifesto fornece mensagens-chave sobre cultura e mudanças climáticas destinadas à Conferência do Clima das Nações Unidas de 2022 (COP27) e além. Busca ativar os envolvidos em artes, cultura e patrimônio para tomar ações climáticas por meio de comunicação e engajamento, inspirando e auxiliando seus constituintes, membros e públicos a aumentar a ambição; mudar seus próprios comportamentos; e engajar-se no desenvolvimento de políticas de mudanças climáticas em níveis de governo local e nacional e intergovernamental. Simultaneamente, para atender à urgência da emergência climática, busca inspirar e incentivar uma maior colaboração



sinérgica na ação climática com outros setores e parceiros que tradicionalmente não se envolveram com atores culturais.

Convidamos a sociedade civil, governos em todos os níveis, organizações de Povos Indígenas, organizações e instituições culturais, empresas, universidades e organizações de pesquisa e outras partes interessadas a se juntarem a nós para assinar este Manifesto, sinalizando nossa ambição compartilhada de criar comunidades resilientes hoje e no futuro.



## **CHN Manifesto COP 27 - Grupo de Redação (em ordem alfabética):**

- **Veronica Arias**, CC35/Cidades Capitais das Américas
- **Yunus Arikan**, ICLEI - Governos Locais para a Sustentabilidade
- **Alexander Lamont Bishop**, Organização Internacional de Fundos Nacionais
- **Carl Elefante**, Architecture 2030
- **Silja Fischer**, Conselho Internacional de Música
- **Hannah Fluck**, Historic England
- **Robert R. Janes**, Coalizão de Museus pela Justiça Climática
- **Daniela Micanovi**, IFLA Europa
- **Ishanlosen Odiaua**, ICOMOS Nigeria
- **Jordi Pascual**, Comitê de Cultura das Cidades e Governos Locais Unidos (CGLU)
- **Navin Piplani**, Fundo Nacional Indiano para Arte e Patrimônio Cultural
- **Erminia Sciacchitano**, Ministério da Cultura da Itália
- **Tarisi Vunidilo**, Associação de Museus das Ilhas do Pacífico

## **Tradução para o Português:**

- **Aline Carvalho**, Comitê Científico sobre Mudanças Climáticas do ICOMOS Brasil
- **Luana Campos**, Comitê Científico sobre Mudanças Climáticas do ICOMOS Brasil
- **Elton Rigotto Genari**, Laboratório de Arqueologia “Paulo Duarte”, Unicamp, Brasil





[www.cultureatcop.com](http://www.cultureatcop.com)

